



Amanhã em que Hazel Snow fez 18 anos começou como qualquer outra manhã.

Ou seja: um saco.

Para alguém que nasceu no fim de dezembro, não era nada fora do comum. Enquanto o restante do mundo dormia para se recuperar da ressaca do feriado, ainda com tempo para planejar a noite do Ano Novo, Hazel estava acostumada a dar boas vindas à nova idade sozinha. Para ela, “dar boas vindas” tipicamente envolvia tentar não pensar muito no dia, e buscar entusiasmo apenas o suficiente para esperar que o ano seguinte fosse no mínimo um pouquinho menos miserável que aquele que acabara de passar.

Este ano não era diferente. Depois de colocar o despertador na soneca três vezes, Hazel finalmente se arrastou para fora do futon encurvado em que estivera dormindo pelos últimos meses e esticou os braços longos e finos acima da cabeça.

O futon era para ser temporário. Foi o que Roy, meio-que-padrasto de Hazel, tinha dito quando a trouxera da cidade. Roy sempre dizia que as coisas eram temporárias, já que a vida dele era cheia de fases, e a qualquer dia, a atual também passaria.





Mas o futon, que fora achado num mercado de pulgas e com metade do estrado de madeira faltando, ainda estava lá. Assim como Hazel. Ela fizera um acordo com Roy, de terminar o ensino médio em São Rafael, a letárgica cidade do norte da Califórnia onde ele alugara um apartamento de porão, desde que ela economizasse para morar sozinha depois que acabasse a escola. Com menos de um semestre para terminar, e um constante torcicolo devido ao colchão cheio de calombos, a formatura era mais do que bem-vinda.

Hazel abriu as cortinas de xadrez verde e branco para deixar entrar a luz cinzenta da manhã. Um velho aquecedor na quina estalou e chiou enquanto ela colocava seu jeans preto desbotado favorito, ainda úmido nas pernas por ter caminhado em meio às poças no dia anterior. Ela não conseguia se lembrar da última vez em que não acordara com chuva.

Depois de escovar os dentes e prender um pouco das mechas do cabelo loiro na altura dos ombros, ela deu uma olhada no próprio reflexo. As raízes avermelhadas estavam crescendo de novo e ela fez uma anotação mental para arrumar outra caixa de Nice 'n Easy da próxima vez em que saqueasse a seção de produtos para cabelo da farmácia onde trabalhava. Até agora, passara todos os dias das férias de inverno lá, o que teria sido frustrante se Hazel tivesse outro lugar para ir.

E foi aí que ela se lembrou.

Teoricamente, fazer 18 anos não deveria dar a sensação de *alguma coisa*?

O olhar de Hazel se deslocou até o canto do espelho quadrado. Grudada no vidro havia uma Polaroid desbotada de uma mulher com um avental amarelo, um bebê de rosto





gorducho agarrado em seu quadril. Era a única foto que Hazel tinha de si mesma com Wendy, a chef que adotara Hazel quando ainda era recém-nascida, e que morreria logo depois, quando o restaurante fora destruído num incêndio. Hazel não tinha nem um ano na época, e não se lembrava de nada a respeito da mãe adotiva. Mas ela sabia, de alguma forma, que ter 18 anos seria diferente se Wendy ainda estivesse por ali.

No andar de baixo, Roy estava assistindo aos melhores momentos do basquete, e abaixou o volume quando ela passou rapidamente, ao caminho da cozinha. Isso, ela imaginou, provavelmente era alguma espécie de presente.

— Bom dia — resmungou ele, coçando as extremidades de sua barba desgrenhada cor de ferrugem. Ele vinha tentando deixá-la crescer desde o início do outono e vivia perguntando o que Hazel achava. Era algo próximo do engraçado (só que não chegava a ser), como ele se mostrava interessado na opinião dela ultimamente. Todas as vezes em que vivera com ele antes, Hazel poderia ter passeado pela casa com um pandeiro grudado em cada mão e uma placa neon piscando na testa que ele provavelmente não teria lançado mais do que um olhar de canto de olho de sua eterna posição esparramada no sofá.

— Bom dia — murmurou Hazel de volta, pegando uma tigela do corredor de louças e usando uma de suas mangas, furada por traças, para secá-la. Colocou uma porção de cereal e comeu, como sempre fazia, de pé diante da pia da cozinha, olhando pela janela.

— Posso te dar uma carona para o trabalho, se você quiser — ofereceu Roy do sofá, raspando com a colher o restinho de leite empoçado num canto da tigela.





— Não, obrigada — respondeu Hazel automaticamente, abrindo a torneira e enchendo um copinho descartável com água. Ela engoliu tudo de uma vez só, rezando para que a conversa sobre a carona tivesse acabado. Roy dizia que estava sóbrio há mais de um ano quando chamara Hazel de volta e, desde então, ela não o vira sequer no mesmo aposento onde houvesse um frasco de xarope para tosse. Mas isso não queria dizer que ela estava pronta para entrar num carro com ele de novo.

— Ok, ok — disse ele.

Roy dizia “ok, ok” quando não sabia mais o que dizer. O que significa que ele dizia isso o tempo todo. Ela ouviu o guincho das molas do sofá quando Roy se levantou, e sentiu que ele se movimentava pela cozinha atrás dela.

— Aqui — disse ele, de repente. Ela se virou para vê-lo depositar um envelope pardo na mesa da cozinha. Ele se arrastou em direção à porta, enfiando o boné dos Giants na cabeça. Tufos de cabelo escuro e encaracolado irrompiam por cima das orelhas, como samambaias cheias de folhas se esticando na direção do sol.

— Feliz aniversário, Hazel — disse ele para a maçaneta quando a puxou. Uma lufada de ar fresco e úmido invadiu cozinha criando uma atmosfera, e antes que Hazel pudesse dizer alguma coisa, se é que tinha algo a dizer, Roy já tinha ido embora.

Hazel encarou o envelope, como se esperasse que ele começasse a falar ou saísse andando. Ela não conseguia recordar a última vez em que Roy sequer se lembrara de seu aniversário, que dirá ter marcado a data com qualquer tipo de gesto sentimental.





Hazel largou a tigela na pia e sentou-se à mesa, revirando o envelope nas mãos. Era maior que um envelope normal, e não tinha nenhuma marcação. Nenhum carimbo ou desenho brega como os que eram vendidos na farmácia. Ela passou o dedo pela aba, a respiração presa no fundo da garganta. Parte dela queria simplesmente jogar o envelope fora, talvez até mesmo tacá-lo direto no lixo, para que Roy pudesse vê-lo ali, intocado. Ele havia largado Hazel não uma, não duas, mas *três* vezes, com completos estranhos. Oito escolas diferentes, de Santa Cruz a Santa Rosa. Sete despedidas diferentes de amizades que ela nem se preocupava mais em cultivar.

Que cartão seria capaz de compensar tudo isso?

Mas ficar sem saber era demais. Ela deu um peteleco numa pontinha e rasgou o papel fino, abrindo uma fenda no meio do envelope e retirando seu conteúdo.

Não era um cartão, mas um pedaço de papel branco, dobrado duas vezes.

É claro que Roy não lhe comprara um cartão. Hazel revirou os olhos diante da idiotice da própria imaginação. Um quadrado de papel amarelo autoadesivo voou para a mesa, e Hazel se inclinou para lê-lo. Seu estômago deu um nó quando ela reconheceu o que só poderia ser a caligrafia desenhada de Wendy.

Entregar a Hazel em seu 18º aniversário.

Um zumbido distante preencheu os ouvidos da menina quando ela passou a mão pelo papel liso, desdobrando-o cuidadosamente.

Era um documento de aparência oficial, com uma fonte pequena e quadrada, e linhas sublinhadas. Certidão de nascimento estava escrito numa letra caprichada no topo. A data:





dezoito anos atrás, no dia de hoje. O hospital: St. Mary's, em São Francisco. O restante das palavras ficou embaçado como se estivesse em outra língua, seus olhos percorrendo a página para chegar ao fim.

Duas palavras, a pergunta com a qual vivera todos os dias e todas as noites, muito depois de ela já ter deixado de perguntar em voz alta.

Mãe. Biológica.

E nas duas palavras seguintes, a resposta:

Rosanna Scott.





1

Três meses depois

— Já fechamos.
Hazel ficou parada do lado de dentro de uma pesada porta de vidro, apertando os olhos para a escuridão cheirando a mofo daquele lugar que parecia uma tinturaria abandonada. Hazel tinha um pressentimento esquisito a respeito dessa coisa de costureira. Antes de mais nada, uma costureira? Já ouvira falar em alfaiates e estilistas, mas uma *costureira*? A palavra a fazia pensar em uma velhinha gorda com uma saia volumosa e a boca cheia de agulhas. Mas esta costureira, a que estava escondida atrás de um balcão de aspecto sujo, sentada em um sofá velho caindo aos pedaços e lendo um livro de capa brilhosa, não era velha nem gorda. Não, ela era jovem, apesar de não ter ficado imediatamente claro o quanto — talvez da idade de Hazel, talvez um mulher de trinta, de aparência jovem —, e parecia precisar desesperadamente de um cheeseburger.





Segundo, tinha a questão do cartão de visitas.

Fazia mais de três meses desde que ela descobrira o nome da mãe biológica, e quase o mesmo tempo desde que uma pesquisa no Google mudara sua vida. Porque, de acordo com a internet, Rosana Scott não apenas continuava morando em São Francisco, como também fazia parte de uma elite de artistas/filantropos, que por acaso organizavam um evento para levantar fundos num restaurante no Ferry Building, no domingo, dia 26 de março, às sete da noite.

Era lá, Hazel sabia, que conheceria a mãe. Como se a decisão já tivesse sido tomada por ela, sabia que precisava ir. E com a mesma clareza, sabia também o que ia vestir.

Não era como se tivesse um armário cheio de opções. Hazel tinha apenas um vestido, e era um golpe de sorte que ela o tivesse. Ela o encontrara há mais de um ano, em um bazar ao lado de uma escola particular chique no Haight. Na época, Hazel vivia com uma família adotiva na Oak Street, um casal de suíços mais velhos que tinham uma pousada para o tipo artistas-hippies-nada-jovens. Em sua caminhada para casa na volta da monótona escola pública em que estudava, Hazel passava pela Golden Gate Prep, e com frequência espiava através dos portões os alunos vestidos com roupas da moda, cada um carregando um laptop personalizado e entrando e saindo de carros que pareciam caros.

Num dia de primavera, ela reparara no bazar que levantava fundos para caridade ao lado da escola. Ela nem havia entrado na esperança de comprar alguma coisa. Mas o vestido a encontrou, debaixo de uma pilha de sapatos defeituosos no cesto das pechinchas. Era definitivamente mais colorido que qualquer outra coisa que ela já tivera (principalmente





porque quase tudo o que tinha era preto), e ela nem tinha certeza de que caberia. Mas algo a respeito daquele vestido simplesmente não permitia que ela o deixasse para trás.

Então ela o comprou, levou para casa, pendurou no fundo do armário e imediatamente esqueceu de sua existência. Quando Roy a trouxera de volta a São Rafael, ela quase o deixara pendurado no armário, mas de novo, alguma coisa lhe dissera para colocar o vestido na mala. Ela não conseguia imaginar que algum dia teria uma desculpa para usar uma roupa tão reluzente, sofisticada e, no fim das contas, nem um pouco Hazel, mas ele começara a significar alguma coisa para ela. Então o jogou na mala, carregou-o para a casa de Roy, e encontrou um novo armário para jogá-lo no fundo.

Quando decidiu que iria para o evento de Rosanna, catou o vestido no armário e pendurou-o na porta, onde pudesse vê-lo. Porque agora ela sabia que era mais do que um vestido. Era um símbolo.

Quase tudo na vida de Hazel tinha continuado do mesmo jeito desde o dia em que descobrira o nome da mãe biológica: ela ia à escola, ia ao trabalho, evitava Roy, pegava o ônibus. Mas por dentro, uma grande transformação havia ocorrido. Ela estava diferente. E o vestido era a única coisa visível que a fazia lembrar das mudanças. Mudanças que apenas ela podia sentir.

O vestido era lindo — curto, mas não muito, com círculos brilhantes e de cores fortes, e um decote em seda que arrepiava seus pelinhos quando ela o experimentava —, mas não estava perfeito. Ela sabia da costura esgarçada quando o levara para casa; era o motivo pelo qual o vestido tinha sido tão barato. Mas somente naquela manhã, no próprio dia do





evento no Ferry Building, foi que Hazel percebeu que, a não ser que quisesse conhecer a mãe com quinze centímetros do busto aparecendo, teria que levar o vestido para o concerto.

Quando viu o cartão de visitas pendurado por um fio a um alfinete na etiqueta, ela imaginou que era o nome do estilista que fizera o vestido: Mariposa Missionária. Mas de pé diante do armário naquela manhã, olhou mais de perto. Ali, sob o endereço, havia uma única palavra: *costureira*.

E assim ela foi parar naquela loja numa tarde de domingo, de pé em um aposento empoeirado com cheiro de naftalina, repleto de máquinas de costura e manequins sem cabeça, e que aparentemente estava...

— Fechado — repetiu a menina no sofá. — Sinto muito.

Mas ela não parecia sentir muito. Soava aborrecida. E foi nesse momento que Hazel decidiu que seu “pressentimento esquisito” estava certo. Ela pegara quatro conduções para chegar ali, e em questão de horas encontraria a única pessoa que sonhara em conhecer pela vida inteira. Hazel tinha apenas um vestido, que tinha um rasgo que deixava metade da pele aparecendo em um dos lados, um que precisava desesperadamente ser emendado. E, na frente dela, esta *costureira*, rodeada por máquinas de costura, em uma loja dedicada a consertar vestidos, dizia que a loja estava fechada?

Hazel queria gritar. Claro que alguma coisa daria errado. Saber o nome da mãe pode ter mudado cada parte de Hazel por dentro, mas no mundo exterior, absolutamente nada estava diferente.

— Ótimo — bufou Hazel, ajeitando no ombro a bolsa preta e lisa de lona. Ela deu uma última olhada na loja estranha e vazia. O negócio não parecia estar em efervescência.





— Sabe — começou ela, palavras de raiva se segurando na garganta —, ter horários regulares de trabalho pode ser de grande ajuda. Quer dizer, isso se você tiver interesse em conseguir clientes de verdade.

Hazel girou nos calcanhares e começou a empurrar a porta, mas uma das grossas alças da bolsa ficou presa num gancho e a puxou de volta para o aposento. O vestido caiu da bolsa, os círculos acetinados brilhantes e alegres contra as tábuas empoeiradas e abafadas do assoalho.

As bochechas de Hazel ficaram vermelhas. *Ótimo*, ela pensou enquanto se abaixava para enfiar o vestido de volta na bolsa. *Simplesmente perfeito*.

— Espere. — De repente, dois tamancos começaram a se deslocar até o lugar onde Hazel estava abaixada ao lado da porta. — Esse vestido — disse a garota, apontando um dedo longo e esguio para a bolsa de Hazel —, posso vê-lo?

Hazel lentamente estendeu o vestido para a mão aberta da garota.

— Onde o conseguiu? — perguntou a menina, estendendo o material e segurando-o de um dos lados.

— No Haight — respondeu Hazel. — Um bazar de caridade. Acho que é parte de uma escola ou algo assim. Acho que gostei das cores... — Hazel mexeu os pés e deixou a voz sumir. Por que estava defendendo seu senso de moda para uma menina ranzinza com esses tamancos esquisitos e que, até bem pouco, estava basicamente interessada em fazê-la ir embora?

A garota a encarava com olhos que pareciam mais felinos do que humanos: pequenos, penetrantes, e quase dourados.

— Você precisa dele para quê? — perguntou ela, lentamente.





— Vou a um evento beneficente — disse Hazel. — É naquele restaurante no Ferry Building. O Slanted Door? — Ela inspirou profundamente mais uma vez, antes de acrescentar: — Vou conhecer minha mãe esta noite.

Era a primeira vez que Hazel dizia isso — cada uma dessas coisas — em voz alta, e as palavras pareciam grandes explosões em sua boca. Ela olhou para a ponta de seus tênis xadrez sem cadarço.

A garota estava em silêncio, e Hazel sabia que ainda a estava encarando. Finalmente, a menina se virou e, com seus tamancos pesados arrastando no chão, andou lentamente de volta para o sofá. Levou o vestido consigo.

— Pode voltar em duas horas?

Hazel encarou as costas da garota, a parte logo acima da cintura se curvando sob o suéter fino conforme ela depositava o vestido no braço do divã.

— Duas horas? — ela repetiu. — A-hã... quer dizer, sim. Claro. Tem certeza? — Hazel esperou que a garota se virasse de novo, que dissesse mais alguma coisa. Como ela não o fez, Hazel pôs a mão na maçaneta, com medo de que qualquer outra palavra pudesse fazê-la mudar de ideia.

— Ei. — Ela ouviu a voz atrás de si. A garota ainda estava de pé ao lado do sofá, de costas para Hazel enquanto falava. — Qual é o seu nome?

— Ah, desculpe. — Hazel ficou vermelha. — É Hazel.

— É um prazer conhecê-la, Hazel — disse a menina, pronunciando as palavras com dificuldade, como se estivesse compartilhando um segredo. — Meu nome é Posey. Nos vemos às três.

